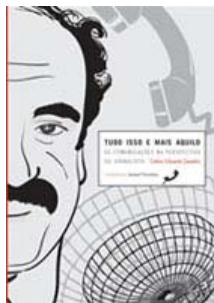


Resenhas

A dose certa do Jornalismo como cidadania

Rosário de Pompéia*



POSSEBON, Samuel. **Tudo isso e mais aquilo**: as comunicações na perspectiva do jornalista Carlos Eduardo Zanatta. São Paulo: Glasberg, 2008. 367p.

Uma viagem na recente história da política pública de comunicações no Brasil a partir de um olhar jornalístico múltiplo e atento. É com essa sensação que o leitor inicia o mergulho nas primeiras linhas de *Tudo isso e mais aquilo*. Livro póstumo organizado por Samuel Possebon, a obra reúne textos, artigos e reportagens de Zanatta, a maioria publicado pelas revistas *Pay-TV*, *Tela Viva* e *Teletime*.

O profundo conhecimento teórico e político do setor aliado à militância em busca da democratização da comunicação traz como consequência a riqueza dos detalhes que ajudam a compreender vários porquês sobre o pouco avanço nesta área.

Didaticamente, a obra está dividida em capítulos que trazem algo em comum entre eles. O primeiro, chamado *Antes da redação*, traz textos produzidos pelo jornalista durante sua época de estudante, professor e assessor parlamentar do Partido dos Trabalhadores (PT). Destaca-se, nesse período, sua capacidade como formulador de emendas, programas de governo e influência na política brasileira. Entrevista concedida por Luiz Inácio Lula da Silva, em 1994, para a Revista *Tela Viva* mostra, claramente, a interferência do pensamento de Zanatta nas respostas do candidato à Presidência da República, à época:

* Jornalista e mestranda em Comunicação Social, Universidade Federal de Pernambuco

O processo (de concessões) será feito com clareza e transparência. Se formos eleitos, o processo de outorgas será discutido pela sociedade através de audiências públicas em que os interessados em obter a concessão deverão mostrar a sociedade a que vieram. (ZANATTA, 2008, p. 32).

Sua capacidade de formulação fica explícita no texto *Sugestões para elaboração do Programa de Governo*, elaborado em 28 de maio de 1993. Uma de suas preocupações era ampliar o processo de discussão do programa de Governo com os parceiros, a partir de agenda de discussões, envolvendo questões sobre órgão regulamentador, democratização da comunicação, sistema público de comunicações, concessões e renovações, e ainda novas tecnologias, especialmente a TV a cabo.

Os projetos de leis em tramitação no Congresso Nacional também foram pautas prioritárias para Zanatta. Uma possível mudança na Lei de Imprensa foi registrada em seu artigo pessoal, escrito em outubro de 2001. Mesmo passados sete anos, as análises continuam atuais e mostram a indignação de fazer parte de um país onde a lei de imprensa que vigora ainda é a da Ditadura Militar, redigida em 1967. Zanatta começa suas observações fazendo referência a Gonzaguinha, quando diz: “A gente não tem cara de panaca... A gente não tem jeito de babaca....A gente quer ser um cidadão.. A gente quer viver uma nação...” (ZANATTA, 2008, p. 26). E diz, ainda: “Não há democracia sem uma imprensa livre, mas também não há democracia sem controle democrático, vale dizer, público, do poder dos meios de comunicação social” (p. 6). Anos e anos passam e a mídia brasileira continua insistindo na tática fazer de conta para a sociedade que controle é sinônimo de censura, se valendo de um momento histórico perverso recente do Brasil. Foi assim com o Conselho Federal dos Jornalistas. E é assim com a Classificação Indicativa do Ministério da Justiça. O esforço da Federação Nacional dos Jornalistas em mudar a atual lei está registrado a partir da sistematização das emendas apresentadas pela entidade para a discussão na Câmara dos Deputados.

A vontade e a pressa pela mudança nesse campo da comunicação é notável quando Zanatta estava na assessoria da bancada do PT, solicitando urgência na tramitação de dois projetos sobre a TV a cabo. “Não podemos deixar passar o tempo porque a sede

empresarial em conseguir as outorgas de MMDS é enorme.” (ZANATTA, 2008, p. 45). Indo além, acrescenta: “Queremos ampliar o leque desta propriedade para evitar que nos tornemos escravos da opinião de algumas poucas famílias que virtualmente controlam os meios de comunicação no País.” (p. 46).

O segundo capítulo é dedicado a análises e reportagens sobre o ambiente político do setor de comunicações. Ideal para verificar o quanto se diz e pouco se faz nessa área. Declarações de muita gente antes de ocupar cargos no Governo ou durante os primeiros dias de trabalho perdem totalmente o sentido ao olhar o presente, com um passado tão bem registrado. Um desses momentos é o primeiro dia de trabalho de Miro Teixeira no cargo de ministro das Comunicações em reuniões com as entidades. “O ministro disse ainda que está avaliando a possibilidade de rever alguns atos do ministro Juarez Quadros nos últimos dias de sua gestão como a concessão e a revogação de outorgas de retransmissoras de televisão, por considerá-los estranhos”, diz o jornalista Carlos Eduardo Zanatta (p. 110). Lamentavelmente, nada disso aconteceu. Não é à toa que uma campanha está sendo puxada pela sociedade civil para mobilizar o Congresso Nacional em torno dessas questões.

A quantidade de material sobre TV por assinatura rendeu um capítulo especial, com matérias publicadas desde 1996. Este foi o primeiro assunto da área das comunicações que Zanatta cobriu como jornalista, quando deixou a assessoria parlamentar do PT. O processo de regulamentação da indústria, na segunda metade da década de 1990, a formulação e abertura de editais e as crises e renascimento do setor de cabo, MMDS e DTH fazem parte dos registros. “A Anatel assinou hoje os cinco primeiros contratos de TV por assinatura resultantes do processo de licitação iniciado em meados de 1997”, diz Zanatta (p.151). Inclusive, é nesse capítulo que se encontra a manchete do artigo que deu origem ao nome do livro. Zanatta, indignado com a demora da Anatel em abrir novas licitações, traça uma análise para entender porque se passaram três anos sem nenhuma nova outorga de TV por assinatura. O jornalista acompanhou a primeira licitação de cabo e MMDS no final de 1997 e ajudou a fazer a Lei do Cabo, ao longo de 1994.

As telecomunicações e o mercado de televisão também estão contemplados em capítulos separados. Assuntos que envolviam certo tipo de conhecimento tecnológico eram traduzidos em simples informações para que qualquer cidadão compreendesse os estrondosos impactos da telefonia ou da digitalização na sua vida econômica, social e cultural. Os debates sobre a TV digital, Ancine e Ancinav são leituras obrigatórias para entender o que está por trás de decisões aparentemente simples, na visão de um cidadão desatento.

Para finalizar, *Tudo isso e mais aquilo: as comunicações na perspectiva do jornalista Carlos Eduardo Zanatta* traz uma compilação daquilo que Zanatta dedicava muito tempo a fazer: entrevistas. A transcrição das respostas assume fundamental importância no seu trabalho. As entrevistas vão desde Hélio Costa a Gilberto Gil, mostrando como Zanatta transitava bem em todos os campos, sem abrir mão da sua busca por uma comunicação que realmente atenda ao interesse público.

É mais, ao que parece, o livro foi elaborado, prioritariamente, para os jovens, pois essa geração tornou-se uma preocupação constante nos projetos e nas idéias expostas pelo professor Zanatta. Pode-se dizer que seus textos são uma referência obrigatória nas escolas de Comunicação, nos movimentos sociais, entre empresários do setor, no Congresso Nacional, em qualquer espaço ou organização que busque ou acredite que um sociedade só pode ser democrática a partir da efetivação do direito humano à Comunicação.

Zanatta faleceu em julho de 2007. A seu respeito, o professor da Universidade de Brasília, Murilo César Ramos, diz na “orelha” do livro, que ele era “um cidadão que tinha em um mundo sem injustiças a causa política da sua vida pública.” Por tudo isto, estão de parabéns a Editora Glasberg e o autor Samuel Possebon pela homenagem a um profissional, que soube encontrar a medida certa entre o Jornalismo e o exercício da cidadania.